

**Anotações da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 30 de novembro de 2011**

Texto de referência: “O senso religioso”, cap. XII, Universa, Brasília 2009, pp. 183-189

- *L'uomo cattivo*
- *Amazing Grace*

Carrón: O capítulo sobre o qual trabalhamos é: “A aventura da interpretação”. Fomos chamados a olhar qual experiência de liberdade fizemos.

Colocação: *Desde que me aposentei, estou fazendo caritativa quase em tempo integral no Banco Alimentar. Sábado, na Coleta, percorri alguns supermercados para encontrar rostos e ouvir o povo. Depois, no armazém de Rho, encontrei os jovens do CLU e, em seguida, os detentos e um grupo de refugiados africanos; muitas histórias de festa e de compartilhamento das doações. Muito ou pouco, mas para todos foi possível doar caixas, tempo, amizade. Uma certa mãe comemorou o aniversário levando, para a Coleta, seus amigos; o bispo de uma grande cidade, em visita, agarrou algumas sacolas e ele próprio as distribuiu na loja; meus netinhos se dedicaram bastante à divisão das caixas. Para todos, uma medida diferente, um compromisso diferente, no mesmo ato e com a intuição, pelo menos, das próprias razões. Na manhã seguinte, um amigo nosso, que como nós tinha sido voluntário na Coleta, foi atingido por uma hemorragia cerebral; agora está em estado grave no hospital. Todos rezamos por ele, e estamos ao lado dos seus familiares. Essa brusca passagem, em poucas horas, esclareceu para mim duas coisas. Primeira: a Coleta é certamente uma experiência popular, mas o modo de vivê-la até o fim não pode deixar de ser algo muito pessoal, segundo as regras (o folheto, a caixa que precisa ser bem feita, as etiquetas que precisam ser coladas), mas que se tornam logo, para mim, um estímulo a viver essa ocasião, para fazer bem feito o que me pedem, e avaliar como eu respondo, com que liberdade eu respondo. Segunda: a avaliação do próprio ser frente ao Mistério é feita quando entendemos que não desaparece o cansaço e nem mesmo a dor, mas que você pode ser ajudado a interpretá-la. Assim, as razões do relacionamento com a esposa, com os filhos, com os amigos, não dependem do humor, a experiência da Coleta não se reduz ao resultado técnico. Só assim vale a pena entregar-se pela serenidade em família e para recolher mais toneladas de alimentos. Por isso, ontem renovei o grande reconhecimento à companhia do Movimento, no coração e na razão, que há anos nos educa para essa interpretação (penso no juízo sobre a crise e na ênfase dos atuais gestos de caridade). Assim, nos encontramos diante da festa da Coleta ou da dor da doença, sozinhos, entusiasmados ou cheios de medo, mas sempre rodeados de razões e de esperança. Assim, parecem quase idênticas, em seus diversos âmbitos, de um lado, as dez linhas do folheto da Coleta nas quais, este ano, pela primeira vez, colocamos o nome de Cristo; do outro, o Rosário recitado toda tarde pelo nosso amigo. É diferente a provocação da circunstância, mas o fio condutor do que a gente encontra é idêntico. Gostaria de dizer, e o digo com um certo tremor, que de fato nada mais me espanta se estou sempre presente nessa fiel e incansável amizade.*

Carrón: Obrigado. Essa é a ajuda que o Mistério presente em nosso meio nos oferece para nos educar para um uso da razão bem aberta. Quem teria pensado que, através de um gesto de educação para a caridade, para essa imensa necessidade que somos nós, poderia experimentar o quanto isso serve para se enfrentar a doença do amigo. Não propomos gestos sem nexos; visam à educação para a vida, para os desafios da vida. Diante desses desafios cada um, depois, verifica se compareceu aos gestos propostos de um modo verdadeiramente pessoal, que não quer dizer de um modo isolado, mas fazendo parte de um povo.

Colocação: *Esta semana tentei responder à sua pergunta sobre quando fizemos a experiência de ser livres. O único exemplo que encontrei foi este: um dia, no trabalho, dei assistência a um*

paciente que esteve mal por muito tempo, e me empenhei totalmente. A certa altura, nos últimos dez minutos, entrou no quarto uma colega e não fez nada mais que me entregar uma seringa; ela saiu do quarto, encontrou os parentes do doente e lhes contou brevemente como estavam as coisas, e o que fizemos. Os parentes lhe disseram (em alguns momentos se ajoelhavam aos seus pés): “Nós te agradecemos muito, você é maravilhosa”, e durante toda a manhã aguardavam ansiosos as palavras dela. Quando vi essa cena, fiquei paralisada e pensei: gastei a manhã toda com esse paciente, chega ela nos últimos dez minutos e ganha todos os méritos! Fiquei muito mal. Até o final do turno fiquei irritada, azeda com a realidade toda, tanto que, a certa altura, a minha colega me perguntou: “O que você tem?” O fato é que passei o cartão de ponto, saí, entrei no carro, me sentei e me perguntei: “Qual é o problema?” Fiquei impressionada porque eu disse para mim mesma: o problema é que eu tenho necessidade de ser afirmada, gratificada, reconhecida. Analisando de novo – em poucos instantes – o que havia acontecido àquela manhã, cheguei a dizer: na minha experiência, o que é que me faz sentir afirmada, querida, gratificada? Enquanto me ocorriam esses pensamentos, só o fato de reconhecer quais eram os momentos em que verdadeiramente faço experiência de ser afirmada, querida e gratificada, me abriu um mundo, reabriu a minha vida. Num instante eu mudei, tanto é que voltei a me sentir eu própria, depois de uma manhã em que eu quase não me reconhecia. Creio que isso tem a ver com o que você dizia na vez passada sobre a verdadeira natureza da razão, que é abertura para a totalidade. Tive que – eu podia me arrastar assim, mas era insuportável, eu já não me suportava – chegar a fazer esse juízo, e o simples fato de me colocar essas perguntas imediatamente me transformou. O que levo para casa desse episódio? Que eu, durante toda uma manhã, esperei que uma gota matasse minha sede, e por isso fiquei enraivecida – e quantas vezes eu fico assim; se penso nas minhas jornadas, há um monte de exemplos semelhantes. Até que chegou um ponto que me libertou. E, então, tenho uma pergunta. Dom Giussani, na página 186, dá o exemplo da penumbra: obscuridade sem sentido ou vestibulo da luz. E diz: “Essa diversidade de postura é exclusivamente fruto de uma escolha”. E mais adiante: “Com efeito, o homem, na sua liberdade afirma aquilo que já decidiu desde um recôndito início. A liberdade não se demonstra tanto nas escolhas clamorosas; mas ante a primeira sutilíssima aurora do impacto da consciência do mundo”. Quando li essa frase, eu disse para mim mesma: eu preciso entender esse recôndito início, porque se dele depende o fato de eu, entre outras coisas, dizer a verdade, quero saber o que é.

Carrón: Gostaria de insistir nisso porque o que você relata expressa bem que tipo de novidade é o trabalho que Dom Giussani nos propõe. Você ficou engasgada a manhã toda porque não se realizou o seu desejo de se afirmar (pior: o mérito ficou todo para uma outra colega!). E isso nos bloqueia, como sabemos, por dias ou até semanas. Mas o que impressiona, de fato, é que para sair dessa situação não é necessário que ocorra algo de extraordinário, não se deve esperar alguma coisa tão poderosa capaz de mudá-la em relação ao fato daquela manhã de trabalho. Não, simplesmente você usou a razão segundo a natureza da razão, e isso é muito mais extraordinário do que qualquer outra coisa! Por quê? Porque Cristo veio para nos educar de tal modo que nós, usando assim a razão, podemos sair do nosso ser bloqueado a qualquer momento. Esse é o verdadeiro dom trazido pela fé: acordar a nossa razão e nos permitir olhar o real segundo a sua natureza. É isso que nos transforma, nos liberta, não devemos esperar o pim-pam-pum das circunstâncias, simplesmente acontece. Quando? Quando começo a ser eu mesmo, isto é, quando eu, não podendo suportar uma determinada situação, começo a usar a razão. Esse é o milagre maior: “Veja, Eu te faço novo, Eu te torno diferente, porque não deves esperar sei lá o quê. Se Me seguires, essa experiência de razão e liberdade poderá estar ao seu alcance em qualquer circunstância”. Quando Giussani nos diz que não devemos esperar um milagre, mas um caminho, entende também isto: que eu tenho sempre a possibilidade de ser uma criatura nova, com um conhecimento novo do real que não fica bloqueado na mentira (porque é uma mentira acreditar que receber a gratidão dos parentes de um enfermo que eu atendo resolva o problema da necessidade de afirmação). A verdadeira revolução é a geração de um sujeito diferente, que se coloca frente ao real de maneira diferente. Com os mesmos ingredientes de todos – razão e liberdade –, a pessoa não vive mais de forma positivista, sufocado no real, mas respira a plenos pulmões. E quando nos acontece isso, ficamos maravilhados, com dificuldade para

acreditar, porque não é algo que nos seja familiar; porque a nós é mais familiar permanecer firmes, por semanas, até que esfrie e desapareça a raiva, ou até que aconteça algo que nos irrite de novo. Mas foi Cristo quem nos possibilitou ter em mãos o instrumento de recomeço, despertando assim um sujeito capaz de viver o real de maneira diferente.

Colocação: *No texto, logo depois do que acabamos de ler, Dom Giussani diz: “E eis a alternativa a qual o homem quase insensivelmente se joga: ou se coloca diante da realidade com uma postura de abertura, com os olhos arregalados de uma criança [...], ou coloca-se diante da realidade em uma postura de defesa, como alguém que pusesse o cotovelo diante do rosto para evitar choques desagradáveis ou inesperados”. A respeito disso, eu queria dar um exemplo. Ontem aconteceu de eu me encontrar com uma pessoa que, algumas semanas antes, me havia ferido muito, por isso logo me coloquei numa posição de defesa, com o cotovelo na frente dos olhos. Depois encontrei uma pessoa da qual eu não sabia nada, que mal a conhecia; conversei longamente com ela, e eu estava numa posição de total abertura, com os olhos abertos, curiosa por conhecê-la. Repensando esses dois fatos, concluí que assumir uma atitude ou outra, isto é, se a minha liberdade se move num sentido ou noutro, é também consequência de um juízo que eu faço sobre as coisas que me acontecem, e por isso o cotovelo na frente do rosto era consequência de um juízo que eu fiz dos fatos que aconteceram. Porém, eu não quero pular, ao reler esse trecho de Giussani, o fato é que eu entendo que, na experiência, nem tudo é igual, isto é, que eu entendo que se as coisas vão de um modo para mim, é melhor que aconteçam de um outro... Voltando ao exemplo da pessoa que me precedeu, ser reconhecido por algo que a gente fez é melhor do que não ser reconhecido. Porém, repensando também o que aconteceu comigo ontem, havia algo que eu não conseguia digerir: o fato de que eu, embora conscientemente numa posição de justa defesa, não era eu mesma. Então pensei que precisava reaprender o que é a liberdade e fui reler o que Giussani diz no capítulo oitavo de O senso religioso, sobre a liberdade, na página 136: “Mas não ser livre só por um fim de semana, por uma noite [...] mas sempre; ser livre-livre, ou seja, a liberdade, e não um momento de liberdade [...]. A realização total de si, isto que é a liberdade”. Ou seja: é verdade que se acontece uma coisa e não outra, isso me dá uma satisfação, portanto me faz ser livre, mas não livre-livre. E mais adiante: “Há somente um caso em que esse ponto, que é o homem individual, é livre do mundo inteiro, é livre [...]: se supusermos que aquele ponto não seja totalmente constituído pela biologia de seu pai e de sua mãe [...], mas seja relação direta com o infinito”. Relendo esses dois pontos, eu fiquei completamente iluminada, porque entendi o que antes não compreendia, isto é, que é verdade que a minha liberdade se moveu como consequência de um juízo, mas de um juízo parcial, porque o que eu dizia daquela pessoa não é toda a realidade da pessoa. Voltando ao trabalho esta manhã, porém, reencontrei aquela pessoa e me vi de novo numa posição de defesa, anulando completamente todo o trajeto que fiz ontem. Então entendo que não estou dando precedência a essa definição de liberdade que Giussani ensina.*

Carrón: Isso é muito interessante, de novo, porque é verdade que é um juízo; mas o problema é: quando dizemos “Liberdade”, o que estamos dizendo? Se Giussani diz que somente num caso o homem é livre, se é relação direta com o infinito, o que isso quer dizer? Se o homem é apenas uma peça do mecanismo das circunstâncias, nós dependemos de como as coisas acontecem; quando alguém nos elogia, nós ficamos contentes, e quando deixa de fazer isso, afundamos, como todo mundo. Que novidade há nisso? Nenhuma. Liberdade é isso? Não; essa seria uma liberdade temporária: quando se realizam mais ou menos os nossos sonhos, então somos livres; quando não, ficamos irritados. Mas – diz Giussani – o que desejamos como liberdade, isto é, como satisfação, não é apenas por um momento, mas para sempre. Isso se vê quando nos vemos diante de alguém do qual nos defendemos, ou quando alguém nos fere. A liberdade é um bem muito frágil se dependemos, como todos, do fluxo das circunstâncias: quando as coisas vão bem, estamos contentes; quando as coisas vão mal, afundamos. Lógico. Mas aqui diz uma outra coisa, aqui diz que a liberdade é relação direta com o Mistério! Então, onde está o erro? Não somente no fato de eu olhar o outro de um modo parcial, mas no fato de eu olhar de um modo parcial a mim mesmo! Porque se eu me dou conta de que sou relação com o Mistério, e que é isso que me torna livre e que

me satisfaz, então, assim como eu já tenho por antecipação essa satisfação, posso ser livre do fato de alguém me conceder ou não as migalhas que caem da sua mesa. Se eu não estou nesse nível de liberdade como experiência, passo a depender das migalhas, como todos; e, então, falar de liberdade se torna patético. Por isso, ou nós dependemos de Deus e, então, somos livres de qualquer circunstância, ou não dependemos de Deus e aí somos escravos de qualquer circunstância. Sem essa relação única com o Mistério, que é o que verdadeiramente nos satisfaz, a liberdade inexiste. E, então, mesmo que tenhamos entendido no dia anterior, no dia seguinte nos vemos com o mesmo fechamento, na defensiva, porque somente uma experiência de satisfação me poderia dar um ponto de partida diferente. Vem à minha mente, com frequência, neste período, a ternura de Jesus quando os discípulos voltam da missão para a qual foram enviados; estavam todos eufóricos: um grande sucesso, até mesmo os demônios bateram-se em retirada diante deles. E Jesus os observa, ultrapassando o lado humano deles: “Meus amigos, não vos alegréis por isso, porque isso não vos servirá ao vos levantardes amanhã de manhã [não é que eles tinham roubado alguma coisa, ou que tivessem ido a uma balada, não, tinham saído em missão, enviados por Ele!]. Alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no Céu, isto é, porque fostes escolhidos, porque participais comigo dessa relação, a única que pode satisfazer”. Mas, como não entendemos isto – que fomos escolhidos –, então dependemos das migalhas do sucesso. Que experiência Jesus deve ter feito para poder dizer “Vede que o verdadeiro dom, que o verdadeiro bem, que aquilo que corresponde verdadeiramente, é o fato de serdes Meus, de terdes sido escolhidos”! Mas para nós, são como palavras de um sábio, que diz coisas sábias, e não conseguimos nem captar o alcance do seu olhar, um olhar que tem mais verdade sobre o homem do que milhares de livros de uma biblioteca! Sem isso, nós não podemos ter aquela experiência de liberdade que nos torna verdadeiramente diferentes, abertos, mesmo quando alguém nos tratou mal, porque nós não dependemos disso. A nossa não deve ser uma reação; é um ponto de partida original! É porque somos melhores? Não, porque esse ponto de partida (totalmente gratuito) depende da relação que Cristo tem com o nosso nada (justamente porque não estamos à altura). Por que nós podemos ter esse ponto de partida todo aberto, diferente? Lembrem-se do que dissemos dia 26 de janeiro [apresentação de *O senso religioso* na Itália]: nós estamos fazendo esse percurso partindo do interior da fé. Então façamos o teste: a experiência que fazemos do cristianismo nos torna, de fato, livres e abertos ao real? Ou é como se não tivesse acontecido nada e nos defrontamos com o real como todos os demais? Estamos com os olhos arregalados, como João e André, ou não? Porque toda a razão está aí. E isso nos leva a perceber que o percurso que estamos fazendo é a coisa mais conveniente, porque aos poucos tornará familiar em nós essa experiência como a modalidade de estar habitualmente no real. A propósito, quero acrescentar uma coisa, lendo uma carta: “Fico impressionado porque Dom Giussani, de um lado, diz que a natureza da razão força a própria razão a admitir a existência de algo, de um *quid*. Mas se a razão é obrigada a reconhecer, por que é necessária a liberdade?” Pareceria que se trata de algo que, pela dinâmica mesma da razão, deixa de lado a liberdade. Mas Dom Giussani diz: o mundo mostra um Outro, diferente, como um sinal, mostra aquilo de que é sinal. E isso introduz um drama, porque é verdade que é absolutamente evidente como sinal, mas o sinal imediato me remete além, me remete a um Tu supremo. E isso não acontece de maneira mecânica. Portanto, de um lado, a razão reconhece o sinal imediatamente, mas, de outro lado, justamente pela natureza do sinal, se introduz um drama em que a liberdade é necessária para reconhecer esse Tu. E isso é visível muitas vezes na dificuldade que encontramos – e que vem à tona em certas cartas que me enviam –, por exemplo, em relação à afirmação de que a realidade é positiva. Eis uma: “Enquanto eu falava para um amigo em dificuldade sobre o panfleto ‘A crise, desafio para uma mudança’, ele me disse: ‘Você fala assim porque não é com você’. Calei a boca e disse para mim mesmo: ‘Há discussões em que só o testemunho pode convencer’. E depois eu pensava: nas provações que a vida me apresenta, dizer a mim mesmo que a realidade desagradável é sempre positiva, eu o faço com os dentes cerrados. Essa é a razão pela qual, frente às provações dos outros, bem mais dramáticas do que a crise, não tenho a coragem de dizê-lo a quem é atingido, sobretudo se for um não-crente, porque penso: as provações pesadas, para nós que cremos, são imitações de Cristo no calvário, porque sabemos que, depois, há a Ressurreição, que Deus jamais permite provações superiores às nossas

forças. Mas dizer isso a quem não crê não é fácil. A respeito dessa dificuldade, eu tenho algumas perguntas. Como podem não ser percebidas, por quem não crê, como *preconceito religioso, interpretação católica, esforço voluntarista de convencer a si mesmo*?” Que a realidade seja positiva, então, é só um preconceito nosso? Uma interpretação católica da realidade? Ou depende, como dissemos, de um uso da razão no sentido verdadeiro do termo? Eu me pergunto: se nós dizemos, segundo o exemplo das flores dado por Giussani, que se há flores sobre a minha mesa, isso remete a alguém que as colocou ali, essa é uma interpretação católica? É um preconceito religioso? Ou pela natureza mesma de sinal, as flores remetem para além? Se o que estamos fazendo com esse percurso é apenas para um autoconvencimento a mais da nossa interpretação – dizemos – ideológica e não da verdade das coisas, em vez de nos abrir a todos, afinal nos fechamos ainda mais. Porque, em suma, com quem podemos conversar? Só com os da “turma”. Parabéns! No entanto, é exatamente o contrário, mas somente um uso verdadeiro da razão nos permite falar com todos. Piero Sansonetti, jornalista de formação comunista, diz o seguinte a respeito do nosso panfleto sobre a crise: “É um documento sério, que carrega uma forte ideia política. Reabre o coração e o debate”. Diz isso a respeito do nosso panfleto, que não creio seja ambíguo. Vê no panfleto de CL sobre a crise um retorno à “verdadeira luta política”, que se faz com ideias. “A Segunda República viu a ausência do pensamento católico e o dano é grave quando – num país em que tem um peso enorme – o catolicismo é excluído: a política foi reduzida à filiação partidária, um dos defeitos fundamentais do bipolarismo. Esse documento coloca em campo um componente importante e o faz a partir de conteúdos, de uma ideia de sociedade”. Ou seja, quando nós apresentamos razões, como vimos com Sapelli e Campiglio, em Milão, como vimos com Polito e Israel em Roma, como vemos com Sansonetti, não estamos falando com a nossa “turma”, e é isso que nos permite dialogar com todos. E os outros entendem melhor do que nós o alcance do que apresentamos. Mas nós pensamos que isso é preconceito religioso, interpretação católica, e dizemos: “Os outros não estão preparados para entendê-lo”, e então fazemos a “mediação” para adequar o que, segundo nós, eles precisam entender. Mas isso é o fim da missão, isso é o fim do testemunho cristão! Foi o que bloqueou certa pastoral: todos precisam se preparar, antes que aconteça o encontro. Mas foi disso que Dom Giussani nos libertou, ao afirmar: todos têm a possibilidade de reconhecer o cristianismo porque têm coração, e, portanto, o instrumento dado por Deus para reconhecerem a verdade. Não é preciso nenhuma mediação. E se nós reduzimos a proposta porque pensamos que é apenas uma interpretação católica, somos nós o problema, não a solução! Mas isso não é laicidade, isso é clericalismo puro! Nós mediamos contra o que disse Dom Giussani, isto é, que o eu é relação direta com o Mistério. É isso que precisamos favorecer. Mas nós insistimos em outra coisa, como se vê da sequência da segunda carta, que leio: “E o que significa [é a segunda pergunta] essa minha relutância em dizê-lo a todos? Que não estou suficientemente seguro da possibilidade do real para todos? E se não tenho a coragem de dizê-lo a todos, é um problema de pouca fé ou de pouca razão?” Responda a si mesmo. Por que não tenho a liberdade de dizê-lo? Para dizer algo de que alguém é seguro, precisa de algo em especial? Simplesmente o diz, compartilha. Quando nós temos a abertura – para a qual nos educa a Escola de Comunidade – vejam o que acontece: “Eu estou vivendo uma situação difícil. Foi diagnosticado em minha mulher um melanoma na pele, um tumor maligno que os médicos dizem, felizmente, que foi descoberto em tempo. Não lhe digo tecnicamente tudo, posso dizer que foi um choque tremendo para mim, mas sobretudo para ela. Porém hoje, há um mês do diagnóstico, posso dizer que essa circunstância difícil marcou, exigiu, comportou uma mudança em mim e em minha esposa. Eu posso lucidamente dizer que a partir desse dia, muitas coisas mudaram. O relacionamento com minha mulher se tornou mais essencial e menos banal e mais exigente. Hoje ela tem necessidade de contar ao seu lado com um homem não amedrontado, e eu, no dia do diagnóstico, estava destruído. Como posso ajudar minha mulher? Essa é a pergunta que logo senti como urgente e que me fez mexer, perguntar, procurar todo dia, gente como os amigos que carregam nos olhos uma esperança que eu não tenho. Minha mulher mudou. Duas semanas antes do diagnóstico, numa autoestrada, ela me disse que não se importava mais com o Movimento, ninguém a impressiona, não sente necessidade de seguir ninguém: em suma, a vida vai bem sem o Movimento. Na noite do diagnóstico, a nossa solidão era

tão dolorosa que ela, a partir desse dia, me pediu sempre para não ficarmos sozinhos; banalmente, que devíamos procurar gente positiva. A mesma coisa em relação à sua Escola de Comunidade. Sempre foi algo como ir ao cinema; hoje se tornou um momento que fala, que diz respeito a nós, que nos questiona. Podemos dizer que a realidade é positiva também na doença? Essa é a minha pergunta? Duas semanas atrás, na cama, ela me disse: “Espero que tudo não volte ao normal”. Ela, doente, carregando um tumor! Essa é a grande descoberta, a grande novidade que eu estou experimentando hoje. Nunca desejei nada disso, mas preciso admitir que nada até hoje teve a força de tornar mais viva a minha vida. Eu entendo que não posso considerar essa situação uma infelicidade. Como posso dizer que foi uma infelicidade, se torna mais verdadeiro o meu casamento? Como posso dizer que foi um azar, se tem a força de mudar minha esposa? Como posso dizer que é uma infelicidade se tudo o que eu sempre soube – mas não acreditei – estando no Movimento hoje se torna experiência para mim?” E quem descobre isso? Descobre quem tem esse ponto de partida, que está aberto para entender, através da realidade, algo que não entendia antes. É o que diz também a última carta, com um exemplo muito simples: “Eu lhe escrevo porque, fazendo o trabalho da Escola de Comunidade, e vivendo, emergiu uma pergunta que você nos fez: que experiência fazemos da liberdade? Gostaria de lhe contar o que acontece algumas vezes comigo. Na sexta-feira, fiquei muito resfriada, o início de uma gripe que, somada ao cansaço de toda a semana, foi a desculpa para que penetrasse em mim a ideia de não participar da Coleta de Alimentos no dia seguinte. Enquanto pensava nisso, era evidente que a minha decisão não era razoável, isto é, eu não era verdadeira até o fim, não era totalmente eu mesma. Na Coleta, estariam alguns colegas e duas alunas minhas, mas, sobretudo, eu nunca parei por causa de um resfriado; portanto era evidente que o problema não estava ali. Mas a ideia de não ir já tinha se tornado uma decisão e nem o belíssimo artigo de Giorgio Vittadini no jornal *Avvenire* de 25 de novembro, que me impressionou bastante, me fez mudar de ideia. Hoje, relendo a Escola de Comunidade, fiquei petrificada diante desta frase: “O homem, de fato, em sua liberdade afirma o que já decidiu desde um recôndito início. A liberdade não se demonstra tanto nas escolhas clamorosas; mas ante a primeira sutilíssima autora do impacto da consciência do mundo”. Não é a primeira vez que acontece comigo, é como se a minha razão entrasse em apneia, e não há santo que a segure. Até hoje, quando acontecia comigo algo do tipo, eu esperava que passasse aquele dia, e depois eu ia adiante; mas a coisa, às vezes, me dá um pouco de medo, porque desejo que a minha vida não tenha mais buracos como esse. Eu gostaria de ter escrito alguns dias atrás para lhe dizer que devagarzinho estou entendendo que a realidade é positiva porque existe e nos provoca no bem e no mal (posso dar vários exemplos), mas hoje acrescento: nos provoca, se a gente se deixa provocar”. Então, o homem em sua liberdade afirma o que já decidiu no recôndito início. E esse é verdadeiramente o drama que temos diante de nós, porque, como diz Dom Giussani na página 187, no final do capítulo, o que dizemos somente o entendemos por esse cruzamento da liberdade e do conhecimento: “Se você é *moral*, quer dizer, você está na atitude original em que Deus o criou [quer dizer que todos, porque todos fomos criados por Deus, temos normalmente essa atitude original, não é que dizemos *Mas e se não tivermos?* não, nós todos a temos, procuremos então um outro alibi; como disse o Papa na Alemanha: nós temos uma natureza, e a nossa natureza é sermos feitos com essa razão, com essa abertura para o infinito, porque somos relação direta com o Mistério], ou seja, numa postura de abertura à realidade, então compreende”. Entendemos quando temos essa atitude, mas isso passa através da nossa liberdade. Se essa atitude for alterada, quem é que a altera? Nós mesmos. Alterada, manipulada, bloqueada pelo preconceito: então você é imoral e não pode entender. E isso é decisivo porque nós, muitas vezes, não nos damos conta de que não entendemos nem podemos entender não porque faltem sinais, não porque faltem dados (veremos isso na próxima vez), mas porque falta aquela abertura, falta aquele humano de que fala Giussani neste capítulo: o humano inteiro está no que é aberto, e só a quem é aberto desse jeito a realidade pode desvelar o seu significado. Por isso é tão decisiva essa nossa educação para a liberdade, que é o tema do próximo capítulo. Sem nos educarmos para essa liberdade, isto é, para essa lealdade com a atitude original com a qual fomos criados, nós não vamos entender.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade vai acontecer na quarta-feira, dia **14 de dezembro**, às 21h30. Retomaremos o capítulo 13 de *O senso religioso*: “Educação para a liberdade”. Procuremos identificar, a partir dos indícios que Dom Giussani nos dá, o que devemos educar em nós, o que nos falta, onde nos descobrimos insuficientes, e não por um juízo negativo, para nos acusar, por um exame de consciência, mas para identificar aquilo sobre o qual devemos trabalhar para poder entender, para não permanecermos presos no real; e para identificar sobre o que devo insistir e em que devo ficar atento para aprender esse olhar que desejo ter no relacionamento com o real.

Na semana passada, o Papa fez um discurso na Assembleia do Pontifício Conselho para os Leigos. Ficamos muito provocados pela correspondência com o caminho que estamos fazendo. Por isso preparamos um panfleto que está disponível no site de CL.

No próximo número de *Passos*, decidimos publicar como *Página Um* a assembleia realizada com os universitários da Faculdade de Ciências da Universidade dos Estudos de Milão, por ocasião da morte de nosso amigo Giovanni Bizzozero. Entendemos como um testemunho útil para a verificação do caminho que estamos fazendo: se pudermos dizer que a realidade é positiva diante da morte, poderemos dizer em qualquer lugar e em qualquer situação.

Veni Sancte Spiritus